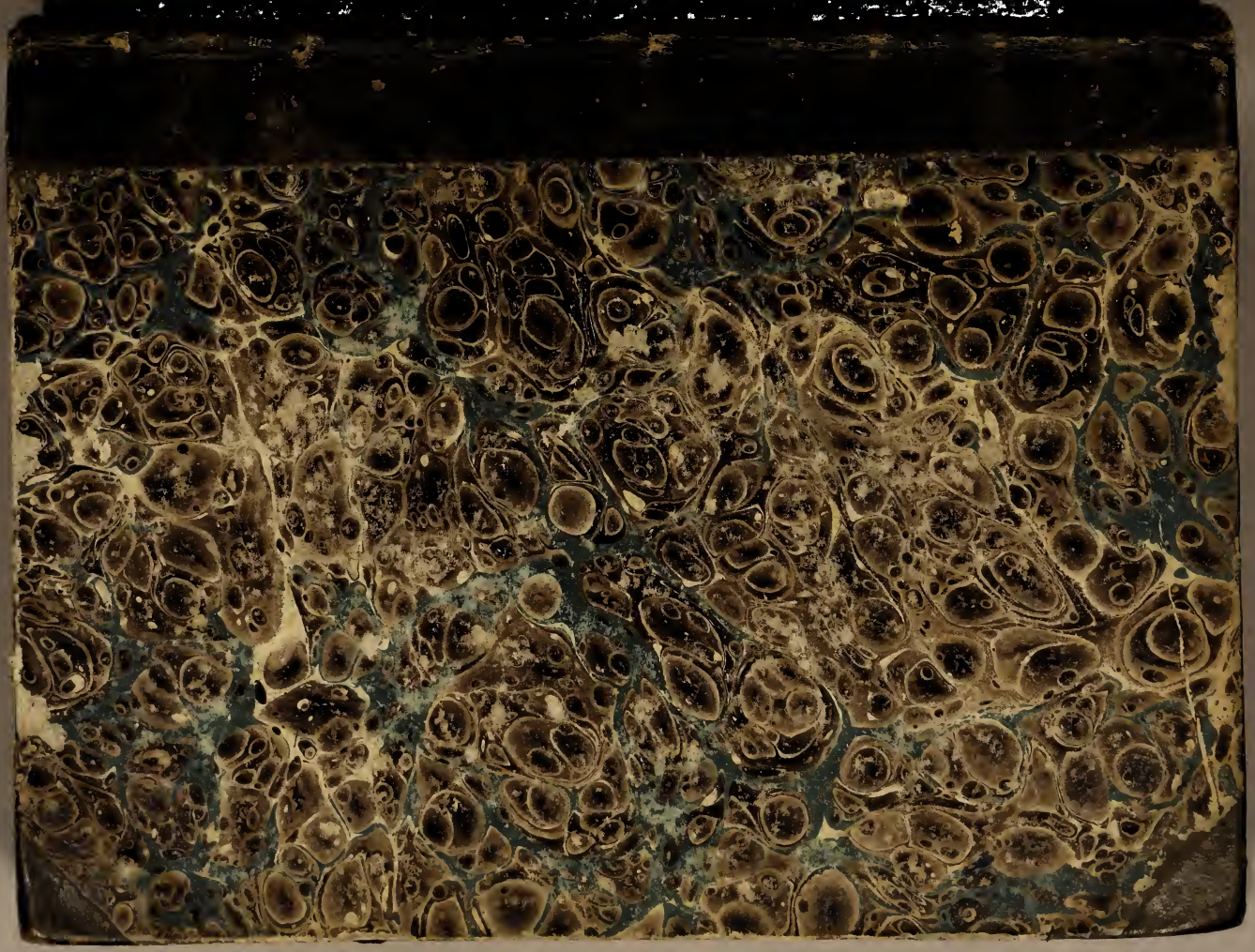
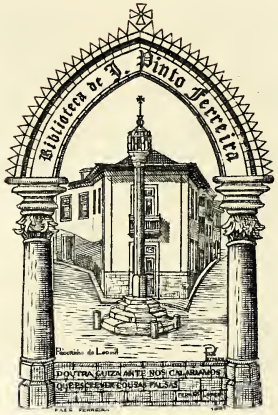



Biblioteca de J. Pinto Ferreira

3165

Index

J. O. MONTEIRO

1 Relacion de los acontecimientos de la Coruña. (1820) 493 - I p.p.

2 Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal e do Brazil, p.r F. S. Franco. 1.º e 2.º caderno. (1820)

3 Collecção dos documentos officiaes da Revolução de 1820. (Publicada p.r J. Nog.a Gandra) 38 + 33 p.p. (1820)

4 Falla de um Parocho aos seus freguezes p.r occasião de eleições em 1820. (1820) 20 p.p.

5 Decreto de Fernando 7 e das Cortes de Hespanha sobre a extincção dos Frades. (1820) 24 p.p.

6 Regulamento sobre a liberdade de Imprensa em Hespanha. (1820) 23 p.p.

7 O Despotismo considerado nas suas causas e effeitos. (1820) (Inocencio da Rocha Galvão) 17 p.p.

8 Carta do Compadre de Belem ao Redactor do Astro da Lusitania. (Por Fillipe Ferr.a d'Araujo e Castro.) (1820) (Aliás Manoel Fernandes Tomás) 20 p.p.

9 2.a Carta do Compadre de Belem. (Manoel Fernandes Tomás) (1821) 22 p.p.

10 Resposta de João Carapuceiro ás cartas do Compadre de Belem. (1821) (Joaquim Maria Alves Sinval) 39 p.p.

11 Sonetos.

7 Canções patrioticas. (1821)
2 ff. innum.

8 Ode a Antonio da Silveira. (1820)
2 ff. innum.

FRANCISCO AUGUSTO MARTINS DE CASVALHO

Im. - Aditamento - [illegible]
GR. ENC. - T. 16 - 467

N. - Coimbra - 27 SET 1844
M. - ? 25 DEZ 1921

Oficial de Inf.ª
Ref. em General

filho do jornalista e escritor JOAQUIM MARTINS DE CASVALHO
fundador de "O CONIMBRICENSE"

Im - T. 12 - 113 e 392
GR. ENC - T. 16 - 468

Ao Ex.mo Snr. Francisco Augusto Martins de Carvalho, D.mo Coronel de Infant.a e proprietario do Conimbricense,

Aff.

Pedro A. Ferreira

Porto, 15/5/900.

15-079

Dic. In - T. 2 - 421 - 527)

9.

CARTA SEGUNDA

DO

COMPADRE DE BELEM

AO REDACTOR

DO

ASTRO DA LUSITANIA

DADA Á LUZ

PELO COMPADRE DE LISBOA.

Abranda-lhe a redea . . .
Abranda-lhe a redea . . .

Conselho de meu Mestre o Sñr. José Daniel no seu entremez da *Arte de Tourear.*

Manuel Fernandes Thomás

LISBOA:
NA OFFIC. DE ANTONIO RODRIGUES CALHARDO,
Impressor do Conselho de Guerra.
Com licença da Commissaõ de Censura.

1821.

BPJS

Sr. Compadre.

Recebi a sua carta de 13 do corrente, e naõ posso deixar de agradecer-lhe o mimo dos ultimos Jornaes, que se tem impresso em Lisboa. Para hum *gotoso* naõ ha melhor remedio, e certo que o unico prazer que tenho agora, he lêr estes papeis, porque me consola já ver o grande cabedal de seus authores. Os Portuguezes, meu Compadre, saõ homens para tudo: o que lhes fáltava era hum Governo, que os podesse fazer felizes, respeitando sua liberdade, porque elles sem dúvida saõ capazes de gozar della com juizo, e discriçaõ, a pesar dos incendiarios, que procuraõ encaminha-los para o mal, empregando para isso escritos insidiosos. Deixe passar mais alguns dias, e V. m. conhecerá os homens dignos, verdadeiros amantes da sua Patria, que até agora viviaõ ou calados, ou na obscuridade, por temerem os effeitos da tyrannia, e do despotismo.

Naõ me foi possivel ainda lêr todos os números do *nosso Astro*, que se mostra hum pouco enfadado commigo, porque lhe respondo de *chalaça*, diz elle: ora, meu rico Compadre, como havia eu escrever em taes materias, e a tal Senhor? Politicas, Economias, Moral, Governos, e outras *frioléiras* desta natureza, saõ o seu entretenimento, em que elle parece escrever com tanto desembaraço, como Ajudante de cartorio a tirar do processo. Quasi que já cheguei a desconfiar, de que elle compõe o seu Jornal quando esgaravata os dentes; servindo-lhe talvez de passatempo ao fazer do *chilo*, e deixando para as horas socegadas escrever em materias mais profundas, nas quaes se expraiará sem dúvida seu genio creador, porque a qualidade de original faz, no meu entender, o primeiro merecimento deste sublime Escriptor.

Eu *pobre Diabo*, que naõ digo senaõ *trivialidades*, graduado em *Doutor orelhudo* depois de ter sido *estudante de cabresto*, que poderei fazer ao pé de hum sabio de tal

ordem? Respondo na minha lingua, e vou trapaceando o meu bocado. Sirvo-me por tanto de idéas *caseiras*, que saõ o patrimonio daquelle que he falto de litteratura. E como desde que andei em Coimbra me ficou este geito para as *gracinhas*, metto sempre que posso, a minha colherada; mas já se sabe, á *escolastica*, porque V. m. bem conhece, que Deos naõ repartio os talentos igualmente. Seguirei com tudo o conselho de meu Mestre, dizendo agora menos chalaças. *Abrandarei a redea*, e veremos o potro como marcha, e o toiro como investe.

Sua Comadre chama-me. Ha dias que a vejo muito meiga, e carinhosa commigo: que quererá ella, meu Compadre? Vou fallar-lhe, e acabar a carta. Se houver tempo mandarei tambem outra dirigida ao *nosso Astro* para se imprimir; mas naõ se esqueça V. m. de lhe remetter logo hum exemplar, porque me parece que elle se queixa, com razaõ, de lhe terem faltado com esta cortezia na primeira: e por ventura me magoaria muito, que isso acontecesse agora, dado que este senhor se mostra cada vez mais civil, e mais attencioso commigo.

Sou

De V. m.

Compadre, e amigo sem reserva.

O Impostor verdadeiro.

Belém 15 de Janeiro de 1821.

P. S.

O Inverno apparece já com cara menos melancolica: venha V. m. aqui jantar hum dia, e conversaremos hum pouco sobre os negocios do tempo.

Como naõ tenho vagar, he facil escapar-me alguma expressaõ, que deva ser explicada: tome V. m. por isso o trabalho de notar os lugares, que for preciso esclarecer.

Sr. Redactor do Astro da Lusitania.

Meu Amigo e Sñr.! Deixei a V. m. no seu N.º 18, pretendendo despertar o nosso Portugal, que continuou a dormir depois de ter acordado, como V. m. taõ judiciosamente notou. Os annos, e as molestias chegáraõ este pobre velho ao ultimo estado de abatimento; e a naõ ser algum *cautico*, que V. m. lhe applica de vez em quando em seu Jornal, tornaria elle a cahir para naõ se levantar mais. Faz V. m. muito bem, meu Amigo, trate delle, deste enfermo desamparado, de que ninguem cuida, nem se lembra. As receitas de V. m. haõ de pô-lo a *andar*.

Eu tenho querido continuar as minhas *humilias* sobre as suas *historias*; mas esperava que V. m. respondesse á minha primeira carta, para lhe agradecer ao mesmo tempo os seus obsequios, porque eu já contava com os *bons termos*, de que V. m. havia de usar comigo; porém como vejo que V. m. pretende livrar-se do incommodo, que lhe causaõ as minhas noticias, do mesmo modo que os doentes de areas, que ás *pinguinhas* vaõ alliviando, mudei de plano, e resolvi-me a dançar, como V. m. for tocando. Seguirei por tanto como sombra o seu *Astro*, cada vez mais luminoso, e mais radiante; e aos meus filhos, netos, e successores deixarei em morgado, (que bem poderá existir, creio eu, com as suas idéas liberaes de refórma) o cuidado de responderem a V. m., quando V. m. for servido acabar; já que eu naõ poderei viver tanto, que chegue a ver o fim de tudo o que V. m. tem para me dizer.

Leio sempre com grande consolaçaõ minha estes seus discursos sobre os Poderes, Authoridades, populaçaõ, &c. e com effeito saõ cousa pasmosa! Delles fallarei agora principalmente. — O meu barbeiro, que he homem amigo, como V. m., de se metter em tudo (e o maldito quasi sempre embica no que naõ entende!!) disse-me ha poucos dias, que muitos dos seus freguezes notavaõ a manifesta variedade de estilo, que se observa nos escritos de V. m., pretendendo que alguns delles naõ sejaõ obra sua, porque em nada se parecem com aquelles, que naõ podem deixar de

ser conhecidos por parto da sua penna: mas eu desenganei-o de que tudo he de V. m., e lhe pertence por algum titulo (1) com pequenas differenças sómente; e huma dellas he esta. — Quando V. m. escreve como Politico consumado, que he; quando entra na indagaçaõ da natureza dos poderes, da Soberania, &c. &c. tudo entaõ he magestoso, digno dos objectos, e escripto com aquelle sangue frio, que he proprio da madureza, e da reflexaõ: mas quando V. m. responde ao *Compadre*, ou a outros *tunicas* semelhantes, perde as *estribeiras*, como lá dizem, porque naõ está mais na sua maõ: e quando falla destas ignorancias, e erros do Governo! Entaõ Deos nos acuda! naõ ha remedio; ha de zangar-se por força, porque isso he do seu genio; visto que o bem da Patria naõ lhe consente fallar nos males della sem commoçaõ de espirito; e as expressões entaõ devem ser mais *azedinhas* como parece mui natural. — Ora o acido lançado na tinta ha de fazella desmaiar mais necessariamente. Creio que V. m. concorda nestes principios.

Eu ouvia dizer muitas vezes a estes, a quem nada, ou muito pouco agrada, que V. m. parecia escrever o seu Jornal sem plano, e sem systema; e que, esquecendo-se de o conduzir a hum fim verdadeiramente util, naõ se divisava nelle mais do que hum desejo immoderado de empregar o fel da satyra, porque ha muita gente que folga de ouvir prégar á custa dos outros; mas eu defendi sempre a V. m., dizendo, que naõ podia ser; porque V. m. tem trabalhado sobre o *nosce te ipsum*, e aquelle que deseja deveras conhecer-se, e lida para o conseguir, como V. m. diz, que tem lidado (2) naõ se deve suppôr, que tenha

(1) O de compra, por exemplo. Hum Padre, a quem notáraõ que prégára hum sermaõ, que naõ era seu, respondeo = venhaõ commigo a casa do Livreiro, que o vendeo, e ouviráõ que me custou meio tostaõ. =

(2) Veja-se o N.º 22 do *Astro*, aonde o Redactor affirma que costuma fazer este *exame de consciencia*, o qual poderá servir-lhe talvez para confessar os peccados, porque para a emenda naõ lhe vejo geito.

Nota do Compadre de Lisboa.

por fim senaõ regular suas acções, de modo que naõ offenda seus semelhantes, e muito menos atacando-os, e injuriando-os com palavras descompostas, porque isso, sobre ser contrario á moral, cuja falta de ensino, e de pratica V. m. com tanta razaõ lamenta, he de mais pouco decente, e muito digno de se estranhar a hum homem, que deseja passar por bem educado, e eu naõ me persuado, de que naõ veja o que vai na sua casa aquelle, que tanto espreita a dos outros. — Nesta parte póde pois V. m. ficar descançado, porque eu fiz as vezes de bom amigo, e fui *Gedeaõ* a seu respeito.

He verdade, que hum objecto taõ vasto, e hum acontecimento de tal ordem, e por tal modo conduzido, como tem sido nossa revoluçaõ, podia dar a qualquer Jornalista boa occasiaõ de empregar seus talentos, e litteratura, mostrando as utilidades que devem esperar-se desta nova ordem de cousas; procurando convencer aos que receaõ perder, de que elles vaõ antes ganhar pela combinaçaõ do systema administrativo, o qual he de suppôr que melhore a sorte de todos, fazendo florecer ainda os vastos campos da prosperidade pública, ha muito tempo incultos, e abandonados.

Alguns discursos bem feitos concorreriaõ, e muito poderosamente, para os Gabinetes da Europa (com quem assás nos importa ganhar bom nome) se convencerem de que nossos desejos saõ de homens, que procuraõ ser livres, respeitando sempre o Throno, o Altar, o Direito Público, e o das Gentes. — Far-lhes-hia ver, que nossos principios saõ de melhorar, e naõ de destruir. — Que a moderaçaõ, e a suavidade, glorioso tymbre de hum Governo justo e illustrado, haõ de acompanhar sempre as medidas empregadas nas operações economicas das reformas, que forem necessarias. — E que finalmente a nossa conducta póde servir de exemplo e modelo aos Póvos do Universo, que quizerem regenerar-se; porque em nossa revoluçaõ naõ separámos ainda, nem as idéas moraes das idéas liberaes, nem a Justiça da Politica. (1)

(1) Era bem para desejar, que alguns dos nossos Jornalistas se convencessem das actuaes circunstancias, e politica

V. m., Sr. *Astro*, podia bem desempenhar tudo isto se quizesse, porque Deos lhe fez presente dos talentos necessarios; e até podia fazer mais, que era *rechear* alguns desses discursos com a exposiçaõ (desgraçadamente bem facil) de nossos erros em administraçaõ, das causas delles, dos remedios, que devem applicar-se aos males, que raõ enormemente pézaõ sobre nós. — Este trabalho nos aproveitaria, illuminando os que devem regenerar-nos, e era obra digna de hum Jornalista, amante do seu credito, e do da Naçaõ para quem escreve. Em verdade hum Portuguez, a quem tanto *berra* na alma o bem da sua Patria, como V. m. quer inculcar; hum homem, que naõ precisaria d'*Espirito Santo* para figurar no respeitavel Congresso de nossas Cortes, e alardeia bastante capacidade para

---

situaçaõ em que nos achamos. — Importa-nos sempre muito, mas agora mais que nunca, o adquirir e conservar a boa vontade dos Gabinetes Estrangeiros; e sendo esta huma verdade, que de certo conhecem todos, naõ póde deixar de magoar o coraçaõ de hum verdadeiro Portuguez, o lêr em alguns Periodicos nossos formaes ataques aos Soberanos da Europa, que mais influencia podem ter na sorte della. Nem basta, que isso fosse escripto em papeis de outras Nações: cada huma responde per si; cada huma tem suas vistas e relações Diplomaticas, e ainda que as épochas politicas dos Estados se designaõ algumas vezes pela linguagem, que elles adoptaõ, he sempre com tudo preciso convencer, de que *o pinto nunca ha de cantar taõ alto como o gallo.* — Qualquer indiscriçaõ póde levar-nos a huma situaçaõ bem desagradavel. A regularidade, a moderaçaõ, e a suavidade de nossas medidas tanto no interior, como com os Estrangeiros temnos chegado até aqui *sem trabalhos, e sem incommodos*; e que males naõ podem seguir-se se nos desviarmos desse caminho, e adoptarmos huma conducta diversa? Dar bofetadas, e esperar beijos em recompensa, naõ he de homem, que conhece o mundo. Portuguezes! he preciso naõ abusar da nossa ventura!.. Tenhamos juizo, e teremos tudo o que desejarmos, e seremos tudo o que quizermos ser.

Nota do Compadre de Lisboa.

naõ representar nellas como *testa de ferro* (1), podia; e devia fazer isto sem duvida, e tanto mais quanto V. m. no seu N.º 1.º, em que offereceo ao Público o projecto de suas fadigas litterarias, prometteo que o faria, e notou aos outros Jornalistas, seus Collegas, porque o naõ tinhaõ feito. — Eis-aqui, meu Amigo, as erradas e muito chimericas esperanças, que eu concebi a seu respeito; mas hoje naõ ha remedio senaõ *confessar a Conceiçaõ*. — V. m. nem faz, nem diz senaõ cousas judiciosas; e a mim só coube em sorte com a *Madre Abbadeça de Arouca* escrever asneiras (2), e, o que mais he, até esperar asneiras, donde só podiaõ vir acertos e discriçõe.

Depois que V. m. fez do seu Jornal *mala de correio*, para naõ trazer senaõ muitas cartas com algumas encommendas, tanto sem valor, que nem premio pagaõ do seguro, tudo tomou novo aspecto, e nós vimo-nos regalados com bellos discursos *seus*; mas o que mais brilhou foi a grande demonstraçaõ *Cathegorica* da soberania do povo, porque a V. m. pareceo muito necessario e conveniente persuadir destas maximas huma Naçaõ, que acaba de mostrar pelo modo mais efficaz e decisivo, qual he sua convicçaõ a este respeito; visto que ella concebeo o glorioso projecto de fazer as Leis para se governar, e de renovar com a Casa Reinante as condições, a que esta se obrigou expressamente, quando subio ao Throno. (3)

---

(1) Veja-se o N.º 22 do *Astro*, aonde o seu Author tem a modestia de nos fazer esta ingenua confissaõ.

(2) O Sr. *Astro* assim parece querer baptizar, em seu N.º 43, o que diz meu Compadre.

Notas do Compadre de Lisboa.

(3) A Casa de Bragança reina entre nós, porque nós a chamamos para isso em 1640. — As condições, com que acceitou, foraõ manifestas nas Cortes, que entaõ se celebráraõ. El-Rei D. Joaõ IV. as sanccionou e approvou. — O tempo e as circunstancias havendo-as alterado, nós agora fizemos valer nossos direitos, e só buscâmos, que elles sejaõ respeitados, porque respeitámos sempre, e sempre respeitaremos aquelles, que entaõ concedemos, e a que nos obrigámos. As ultimas noticias chegadas do *Rio de Janeiro* nos

Entendia eu, Sr. *Astro*, que naõ havia necessidade de escrever agora para os Portuguezes taes idéas abstractas, e methafisicas de Direito Público, quando elles derivaõ sua representaçaõ politica, suas prerogativas, sua independencia, e suas liberdades do mero facto da convençaõ que fizeraõ, e de que naõ querem agora mais do que a execuçaõ e cumprimento. — E se isto he innegavel, e se o he tambem, que a Naçaõ dá como certos e demonstrados a seu favor *todos* esses direitos, que competem ás outras Nações, pois que ella os reconheceo, quando se deliberou a reassumi-los; de que serve, dizia eu, entrar nestas demonstrações, e ainda n'outras, que cheiraõ a certas idéas, cuja simples ennunciaçaõ custou já rios de sangue? Assenta V. m. acaso, que nós precisamos deste môlho para o nosso guisado? Pois engana-se. Deixe ao Congresso Nacional o cuidado de estabelecer esses principios politicos, quando o julgar conveniente; e persuada-se, de que em Portugal naõ se daõ hoje nessas materias novidades em theoría, e que na pratica podemos ser os mestres dos outros.

Ora eu bem sei, que isto em mim he pusillanimidade, e medo taõ indiscreto, e taõ exaltado, como em V. m. sublime grandeza d'alma, e intrepidez da innocencia; o que de V. m. naõ he já novo, porque naquella occasiaõ (1) (para V. m. com effeito mui gloriosa) em que certas pessoas *tremiaõ maléitas*, sem duvida porque suas consciencias as accusavaõ de crimes, V. m. pelo contrario; socegado em sua casa, era o *Socrates* de nossos dias: com

---

convencem, de que os sentimentos do herdeiro da Corôa, o Principe Real, o filho do nosso Augusto e Adorado Monarcha, saõ de annuir aos votos da Naçaõ, e concorrer para a felicidade de seus *Compatriotas*, como elle lhes chama, adoptando a nova ordem de cousas. Se tanto acontece (e certamente o devemos esperar) elle será o mais venturoso dos Reis do Mundo, e o idolo dos Portuguezes: seu Throno será firme e seguro, porque elle ha de reinar com justiça, e terá em nossos corações o mais sólido apoio de sua Grandeza.

(1) Veja-se o N.º 38 do Astro.

Nota do Compadre de Lisboa.

esta differença só; que elle esperava a morte, fallando da virtude, e dos seus encantos, e V. m. desprezava a vida, escrevendo verdades como *punhos*. Genios raros, e almas de tempera velha! Em tudo V. m. se parece com este grande Filosofo!!

Excéde-o V. m. com tudo no meu entender, quando se derrama nestas mimosas pinturas, em que tanto brilha a força da sua imaginaçaõ. Pergunta V. m. por exemplo em seu N.º 21, *Tudo irá como dantes*? Em vez de responder, V. m. conduz o seu leitor ao *caes de Santarem*, e ahi lhe apresenta hum Jeremias do avesso, que em vez de lagrimas de amargura, derrama lagrimas de alegria. Mette depois o seu episodio do *caes das columnas*, e outras galantarias semelhantes, que ornaõ o seu discurso infinitamente. Ora o bom do Profeta, que nesta occasiaõ naõ só naõ advinha o futuro, mas nem ainda o presente, visto que pergunta pelo que vai na terra, fica de queixo cahido quando naõ lhe sabem dizer, se os Escrivães trataõ melhor as partes do que a si, recebendo só o que seu Regimento lhes manda pagar; se nos aboletamentos se guarda a justiça, &c. &c. Tudo isto, Sr. *Astro*, he com effeito lindissimo, e bem imaginado!

Com tudo naõ me parece (salvo o juizo do seu Jeremias da *esquerda do Tejo*) que elle tivesse muita razaõ para querer achar tantas reformas feitas, e em taõ pouco tempo. — Quanto á primeira dos Escrivães (por fallar de alguma) he com effeito para desejar, que elles sejaõ limpos de mãos; porém será possivel conseguir isso de todos os Escrivães, em quanto medidas geraes se naõ tomaõ sobre hum ramo taõ complicado, como he a administraçaõ da Justiça? Muitos delles, meu Amigo, ou naõ tem ordenado, ou o tem taõ pequeno, que naõ lhes dá para viver hum mez, e com os salarios da lei alguns naõ tem para meio anno. A barriga dá horas; os rapazes querem calças; as botas andaõ rotas; a mulher quer capa, quer lenços, quer çapatos, quer.... quer.... quer.... Ah, Sr. *Astro*! Sr. *Astro*! Sabe V. m. bem o que he necessidade? Vio V. m. alguma vez a cara da fome ainda que fosse em *miniatura*? Tem V. m. filhos, ou sabe o que custa a hum pai ver..... Meu Amigo! No acto de julgarmos os ho-

mens nunca nos esqueçâmos de que somos homens. — A lei, que nos obriga a comer, he anterior á lei, que nos obriga a respeitar a propriedade alheia. — Deos me livre de que se entenda, que eu pretendo justificar o roubo, ou defender a immoralidade; mas julgo que o querer obrigar hum homem a praticar a virtude, pondo-o na necessidade quasi de ser criminoso, e dando-lhe meios para commetter os crimes, he querer hum esforço, de que o coraçaõ humano nem sempre he capaz. Hum Escrivaõ, dos que fallou o seu Profeta, naõ tem accesso a lugares maiores, nem predicamento naquelle que occupa; e no Regimento das Mercês naõ se lhe marcou talvez premio dos seus serviços, porque nem recebe commendas, nem fôro, alcaidaria mór, nem tença. Ora naõ tirar do officio, com que viver no officio, e trabalhar sem esperança de ver ao menos, para o futuro, recompensado o serviço, poderá fazer bom cabello, mas creio que a V. m. naõ. — Hum Escrivaõ, meu Amigo, he hum cidadaõ; serve o Estado; he hum homem, n'huma palavra, e tem por isso os mesmos direitos que V. m., que eu, e que os mais de differente occupaçaõ; por tanto *haja sucia*, mas seja para todos. — Huns a rir, outros a chorar, naõ podem fazer muito boa, e agradavel harmonia.

Assim que, Sr. *Astro*, vamos hum pouco mais d'espaço. E como o seu *Jeremias* se ausentou, e eu naõ terei provavelmente o gosto de lhe fallar, mande-lhe V. m. dizer da minha parte, que a cousa vai de vagar sim, *mas vai*, e melhor irá querendo-o Deos; e que se os Escrivães naõ saõ ainda taõ *heróes* como elle pretendia achar, ao menos naõ consta fosse cheia neste Natal, como era sempre para elles, a lua dos pórcos, e dos perûs, fallecidos de morte violenta; e olhe V. m. que isso naõ he já pouco. (1)

(1) Esta *molestia* de querer tudo feito de repente, vai sendo menos vulgar; mas como ainda se encontraõ muitos enfermos della, que, se naõ gritaõ com as dores, queixaõ-se ao menos, como homens de pouca saude, aqui dou hum extracto de huma passagem, que li n'hum Discurso escripto nos fins do anno passado, em Madrid, por *Joaõ Romero Alpoemte*, no qual elle pretende provar a necessidade em que

Mas tempo he já de deixar os seus discursos, e vamos agora a certo *biquinho* de obra, fallando da resposta á minha carta. — Principia V. m., Sr. Redactor, esta grande empreza no seu N.° 48, e pelo que vejo nelle, V. m. pentêa-se naõ menos que para ser *Jornalista da Opposiçaõ*. Faz bem, meu Amigo. — Hum Lavrador perguntou em hora de bom humor (naõ sou eu só que as tenho) a dous filhos pequenos, com quem brincava = o que querem vossês ser, rapazes? Eu, disse hum, o que meu pai he; pois eu, respondeo o outro, quero ser Bispo, Bispo. Dá cá hum beijo, meu filho, tornou-lhe o bom do homem, pegando ao colo no Reverendo *Prelado de Expectativa*, sempre te pareces-te commigo nessa elevaçaõ de sentimentos. — Tua mái de certo me pregou alguma pessa, quando se tratou de teu irmaõ; e receio bem, que naõ seja elle muito meu parente.

Quanto eu posso julgar, V. m. he talhado para aquelle lugar de *Jornalista da Opposiçaõ*, e se naõ vêja-se a boa

---

se acha a Hespanha de proceder já a Cortes extraordinarias, para nellas se fazer o que naõ se fez nas que acabáraõ, e vem a ser o seguinte. — Regular hum novo systema de Fazenda — organisar o exercito permanente, e a milicia activa — marcar o número dos Ecclesiasticos; suas obrigações, e suas rendas — diminuir, ou abolir inteiramente os dizimos — *abolir os Senhorios territoriaes*, como os póvos opprimidos reclamaõ, e he huma *questaõ já debatida, e prompta para se resolver desde o anno de* 1814 — realisar o projecto de educaçaõ pública já plenamente discutido, e em estado de se pôr em execuçaõ — fazer passar a Lei contra os infractores da Constituiçaõ, cujo projecto já se achava prompto tambem desde o anno de 1814, &c. &c. &c. E que lhes parece, senhores *apressados*? Na Hespanha, aonde ha Constituiçaõ, aonde ha Cortes *Legislativas*, aonde ha trabalhos preparados para taes assumptos, naõ se ultima depois de quatro mezes nenhum destes negocios, nem muitos outros de igual importancia, e queriaõ V. ms. que hum Governo *Provisorio* fizesse tudo isto em tres mezes, e fizesse ainda mais, porque V. ms. naõ pretendiaõ menos, do que ver já tudo voltado de baixo para cima. Meus amigos, bom he fallar, porém he melhor ainda fallar com juizo.

Nota do Compadre de Lisboa.

escolha que V. m. faz das materias, com que nos quer instruir! (1) Mais que muito porém me admira a exactidaõ das suas conclusões! Porque alguns assassinos dos Reis naõ ouviraõ representar Dramas fartos de idéas liberaes (2), conclue V. m. logo, e conclue bem, que taes Dramas naõ podem ser nocivos ao nosso actual estado, que era, e hé a causa dos meus receios. Pedirei com tudo licença a V. m. para observar, que me pareceo *estiradinha* a outra conclusaõ, que V. m. tirou dos meus juizos (V. m. he muito concludente!!) quando quer pintar, que eu por naõ ser dos *exaltados* receio assassinos, mortes, &c. &c. &c. Fico-lhe muito obrigado, meu Sr.; lá no outro mundo achará mais esse testemunho falso, de que dar contas a Deos Nosso Senhor.

Tenho por muito boa, e muito judiciosa aquella sua reflexaõ sobre a opiniaõ pública: (3) mas se V. m. admitte, que ella he por ora a favor das opperações do Governo, parece que saõ sem razaõ, e por mera *zanguinha* todas estas sublimes reflexões, com que V. m. naõ deixa de nos querer illustrar sobre tudo o que pertence ao mesmo Governo; porque em tal caso talvez se diga, que V. m. quer campar por homem singular em seus juizos, em quanto acha máo aquillo, que no senso commum da maioria da Naçaõ encontra apoio, e bom acolhimento. Se a vontade geral se confórma á individual; se os que obedecem,

---

(1) Por exemplo, as reflexões, que o Sr. *Astro* faz em seu N.º 32, a respeito de feiticeiras, e lobishomens exclamando com filosofico enthusiasmo = *se huma mulher he feiticeira, e hum homem he lobishomem, se ha determinaçaõ do* Fado, *aonde vai parar a moralidade das acções*? Que feliz, e original lembrança teve este Sr., quando entendeo o Fado dos *lobishomens* pelo Fado, do qual se suppôs que violenta a nossa liberdade!

(2) Folgariamos de saber aonde o Sr. *Astro* foi buscar esta certeza. Entretanto elle o affirma no seu N.º 41, e nós devemos accreditar, que elles nunca assistiraõ a taes representações.

(3) Veja-se o N.º 38 do *Astro*.

Notas do Compadre de Lisboa.

obedecem com gosto por conhecerem a utilidade, que lhes resulta de obedecerem (1), como quer V. m., que passem em claro as suas censuras, e criticas *virulentas*?

Mas eu sou hum pateta, e V. m. he hum sabio: eu naõ sei o que digo, e accrescento que os outros Jornalistas de Lisboa, seus collegas, naõ estaõ mais adiantados do que eu, porque elles naõ imitaõ a V. m. nestas *espertezas*. Naturaes, e Estrangeiros tem prodigalisado elogios ao *Manifesto da Naçaõ*, e se este trabalho he daquelle a quem se attribue, devo crer, que V. m. naõ podia deixar de achar-se *arrenegadito*, quando escreveo deste papel cousas do *arco da velha*! (2) Parece-me com effeito, que (a ser do tal....) V. m. naõ fazia peior se se calasse, porque naõ sendo o seu Jornal dedicado a analisar obras de litteratura, e naõ resultando da sua censura bem algum á causa da Naçaõ, a favor da qual V. m. se propôs escrever, naõ dava a sua *esperteza* occasiaõ a dizer-se (perdoe V. m. esta chocalhice) que V. m. tem a mania dos Provincianos Litteratos, que vem da sua terra persuadidos, de que haõ de dar no-

---

(1) Esta coincidencia de vontades, he o maior argumento de ser boa a administraçaõ, segundo diz J. J. *Rousseau*: que creio o Sr. *Astro* naõ crismará tambem com o nome de *Corcunda*, ou ainda de *Empennado* segundo a nomenclatura corrente.

(2) Por exemplo, que tem *galecismos*: aonde os acharia este grande *classico Portuguez*? Que usa da palavra *servos*. Forte caso! *Servo* dos *servos* de Deos se chama o Papa, e por ventura quererá V. m. (que he huma das boas almas dos nossos dias!) obriga-lo pela palavra? Que naõ foi assignado. Agora essa naõ esperava eu!! Quem assignou o ultimo Manifesto, que a Corte do Rio de Janeiro espalhou por esse mundo contra a França em 1 de Maio de 1808, e que se publicou em Lisboa em 12 de Maio de 1809? Mas V. m. tem razaõ; esse exemplo naõ prova nada; porque o Manifesto do *Rio* era de hum Monarcha *anonymo*, e aquelle de que falla o Sr. *Astro* he da Naçaõ, que se deo a conhecer, e ao menos podia *assignar de cruz*, como lhe acontecia sempre nas cousas do seu interesse, ou que se faziaõ em nome della.

Notas do Compadre de Lisboa.

vidades em Lisboa, e campar por grandes homens (1). — Escusava tambem de dar occasiaõ a fazer-se o paralello de V. m. com aquelle, que se diz Author do Manifesto, e que he conhecido entre nós por sua sciencia, por seus escriptos, por seus talentos, e por sua abalisada litteratura, ao mesmo tempo que V. m. o he por..... Em outra occasiaõ lho direi, que por ora he cedo (2).

A demonstraçaõ da existencia do *Direito Feudal* em Portugal, que V. m. principia a fazer em seu N.º 43, he a cousa mais bem trabalhada, que eu tenho visto; e por tanto dará licença para que me alargue nella hum pouco mais. — Principia V. m. por nos dar a definiçaõ do *Direito Feudal*, que V. m. affirma ser direito do Reino, e vai buscar hum author *estrangeiro* para nos chimpar as suas palavras por extenso, e daqui poderia eu tirar muitas conclusões (porque tambem sou muito concludente como V. m.) porém tirarei só esta, e he, que tendo sido o *Direito Feudal* direito do Reino, segundo V. m. quer sustentar, os nossos Juris-consultos o *passáraõ em claro*, e naõ tratáraõ

---

(1) Há cá muito *Jesuita*, meu Amigo! Até se achaõ a cada passo dos de quarto voto, e V. m. naõ fez ainda profissaõ nem do primeiro!

(2) O desenfreado desejo de deprimir as obras alhêas, nasce de ordinario de huma devorante inveja, que consome o coraçaõ dos maldizentes, e os faz chegar a hum estado bem pouco diverso dos cães damnados. — Hum escripto he bom no seu todo, satisfaz ao fim, mostra o trabalho do seu Author, e seu talento; mas porque desgraçadamente elle teve hum descuido em pequena cousa, ou ainda que o naõ tivesse, se se lhe attribue, *morde-se* tudo indistinctamente, porque desde logo tudo se tornou máo, e objecto de *raiva*, e em consequencia guarda-se hum silencio absoluto sobre as utilidades, e o merecimento da obra, e naõ se falla senaõ no que nella póde dar occasiaõ á satyra. Ouvi hontem a hum homem sensato fazer esta reflexaõ, e elle accrescentou, que esta era a linguagem de alguns de nossos antigos Escriptores, os quaes se queixavaõ já desta desgraçada *mania* de muitos Portuguezes do seu tempo quererem á *força* achar máo tudo o que se faz na sua Patria.

Notas do Compadre de Lisboa.

delle como Direito Patrio; ou ao menos nenhum o definio de modo que prestasse; porque, sendo V. m. taõ defensor das cousas nacionaes (Deos sabe o que V. m. he!!) naõ era de esperar, que fosse buscar huma definiçaõ estrangeira, se cá houvesse definiçaõ, com que nos podessemos remediar (1).

Alarga-se V. m. muito, para nos dizer depois, quaes eraõ as *consequencias da obediencia* do vassallo ao Snr. do feudo, e deixou no tinteiro, como era de razaõ, o explicar-nos, em que consistia essa *obediencia*; o modo porque se dava; quando se dava; quem tinha obrigaçaõ de a dar; quaes eraõ as formalidades, com que se dava, &c. &c. &c. Tudo isto tenho eu lido, que fazia huma parte muito principal dos direitos dos Senhores, e das obrigações dos feudatarios; de sorte que, faltando alguma destas cousas, ou naõ havia feudo, ou era elle irregular. V. m. porém disse só o que lhe fazia conta para applicar aos documentos do Cartorio de *Pendorada*, e de *Pombeiro* (2).

A próva, que V. m. faz, de que houve *Direito Feudal* em Portugal, só porque na Ordenaçaõ do Reino se acha escrita em hum *unico* objecto a simples palavra = feudo = he, e deve ser para todo o mundo a mais con-

---

(1) Meu Compadre naõ tem aqui toda a razaõ, porque póde ser que o Snr. *Julio Claro*, de quem o *nosso Astro* aproveita a definiçaõ, tivesse carta de naturalisaçaõ em Portugal, sem o Compadre o saber, e nesse caso fica sendo a definiçaõ taõ Portugueza como a forneira de Aljubarrota.

(2) Valha-me Deos com este meu Compadre! Vaõ-me desgostando muito as suas reflexões! O Snr. *Astro* discorre bem. Nos documentos antigos acha-se hum, ou outro encargo semelhante aos dos feudos; e por tanto concluio elle, e eu concluo tambem, que entre nós houvera *Direito* naõ só *Feudal*, mas *Feudalissimo*. Que importa que huma definiçaõ naõ possa comprehender, senaõ huma, ou outra qualidade da cousa definida? Hum burro tem orelhas; eu tambem as tenho; logo eu sou burro. — Haverá por ahi alguem, que se atreva a negar esta conclusaõ? O meu Amigo e Snr. *Astro* de certo naõ.

Notas do Compadre de Lisboa.

vincente, que V. m. podia produzir; mas permitta-me V. m., que eu faça aqui o meu reparo, porque me parece, que o *pilhei* n'huma *contradiçaõsinha*. Dá V. m. (e dá bem) por demonstrada a existencia do *Direito Feudal* com huma só palavra, que achou no Corpo do Direito Patrio; e nega a existencia das *Feiticeiras*, achando no mesmo Corpo naõ digo huma palavra, mas hum titulo inteiro com seu preambulo, e tres §§, dois dos quaes saõ bastantemente estirados, e de bom tamanho, aonde se legisla sobre esta materia em toda a sua extensaõ, e se castiga com morte (como he de justiça) o crime da feiticeria: por tanto tenha paciencia, que desta vez o *abatoquei*. Agora naõ tem V. m. que responder (1).

Se o facto de hum Donatario da Coroa mandado justiçar por D. Joaõ II. pela culpa de querer usurpar a jurisdicçaõ Real, prova que houve *Direito Feudal* em Portugal, como V. m. diz em seu N.º 44, tambem o facto de se terem enforcado salteadores, prova haver ainda neste Reino direito de saltear estradas (2).

As Cartas Regias da *Abbadeça de Arouca*, que V. m. acha de importancia, fazem ver sómente que houve e ha neste Reino Donatarios da Coroa com certos privilegios, regalias, e direitos proprios da mesma Coroa; porém que d'ahi se possa concluir a existencia do *Direito Feudal*, cousa he que naõ me parecia taõ manifesta, como V. m. nos quer inculcar; porque eu entendia, que *Donatario da Coroa* em Portugal, e *Senhor de Feudo* nos outros Paizes offerecem differentes idéas, quando se trata de fallar com exactidaõ (3).

(1) Respondo eu por elle, Sr. Compadre. O Sr. *Astro* fallou no seu N.º 32 das *feiticeiras*, *lobishomens*, *milagres*, e outras *frioleiras* diz elle; e a Ordenaçaõ falla dos *feiticeiros*. Logo hi differença como de *macho* para femea. V. m., Sr. Compadre, veio agora buscar lã, mas foi tosquiado.

(2) Esta conclusaõ he exactissima. — O certo he que meu Compadre, depois que lê os escriptos do nosso *Astro*, tem *mais Logica*.

Notas do Compadre de Lisboa.

(3) A Madre Abbadeça de Arouca exercitava no seu couto a jurisdicçaõ, e outros poderes, pelo modo que em

Em seu N.º 46 pretende V. m. inculcar o grande merecimento, que teve nos dias 15 e 16, e diz que naõ *receia perder a gloria desses dias*: eu tambem penso como V. m., porque com effeito V. m. tem a tal gloria taõ agarrada, que naõ será facil perdê-la; e naõ supponho tambem que a vá jogar. Mas alguem dirá (eu naõ de certo) que V. m. a troco destes grandes serviços, quer huma carta de seguro, ou hum salvo conducto para dizer o que lhe vier á cabeça a *torto e a direito*: e quer mais ainda do que isso, porque quer atacar, e insultar todo o mundo, e quer que todo o mundo se cale, só porque V. m. falla (1). — Desde o dia em que V. m. ganhou essa gloria, perdemos nós

---

suas doações lhe foraõ concedidos sobre todos os moradores do mesmo couto, ainda que alguns delles naõ tivessem recebido do Mosteiro huma propriedade, por que lhe pagassem foro, ou direito dominical; bastando habitar dentro do termo, ou districto para viver nesta sujeiçaõ. — Ora sustentar o Sr. *Astro* que ha *feudo*, sem se ver a concessaõ de huma propriedade em dominio util, parece hum pouco chimerico pela propria definiçaõ, que o mesmo Sr. nos deo tirada do seu *Julio Claro*; e por tanto vou-me inclinando a accreditar, que a grande e muito importante questaõ do tal *Direito Feudal* naõ tem sido por ora muito feliz para o dito Sñr. *Astro*. Como porém elle continúa a escrever, e a illustrar-nos, vá-se entretendo nas suas experiencias, e veja se consegue com effeito levantar essa *torre de bugalhos*, porque he huma empreza digna da sua grande habilidade. Ha homens de paciencia *monachal*!

Nota do Compadre de Lisboa.

(1) Meu Compadre tem tratado sempre dos escriptos do Sr. *Astro*, mas nunca de sua pessoa. — Apezar de naõ o conhecer, naõ mostrou ainda tambem essa curiosidade, e muito menos a de saber de sua vida e costumes. — O Sr. *Astro* porem, desde que vio a primeira carta de meu Compadre, entrou no empenho de o designar, e bem entendido para o *refrescar* como elle costuma. — Nesse ponto entaõ naõ ha que dizer; tem dado por páos, e por pedras, mas sempre debaixo do mesmo plano de *personalidade*. — A moderaçaõ deste *glorioso* Redactor conhece-se com effeito a cada passo, até no cuidado que mostra em descobrir as pessoas de quem falla

a paciencia; porque V. m. depois que se fez *glorioso*, tornou-se inaturavel. — Eis-aqui o que dizem por essas lojas, e praças; e accrescentaõ, que V. m. neste seu plano desempenha exactissimamente o daquelles, de quem reza a cronica, que desfazem com os pés o que fizeraõ com a cabeça.

Fecharei a abobeda, Sñr. *Astro*, fallando da boa fé, com que V. m. responde ao que eu disse sobre o peixe da *Pederneira*, porque V. m. mata-se por provar em seu N.º 46, que em Portugal o peixe paga mais do que dizimo; e esta sua briga parece-se com a que teve certo sugeito com os *moinhos de vento*, e naõ póde deixar de merecer toda a compaixaõ, porque he por huma palavra *sua*, que V. m. podia bem deixar de dizer, se lêsse com mais algum cuidado o que os outros escrevem. — Olhe, Sñr. *Astro*, venha cá, eu naõ lhe disse que o peixe paga *só* dizimo; este *só* he seu, naõ he meu. — Tome bem sentido, o *só* he *seu*, e naõ he *meu*. — Quando eu escrevi aquelle artigo sabia, taõ bem pelo menos como V. m. (porque quem quer o sabe em Portugal) que o peixe paga pela maior parte *direito real de pescaria*, arrecadado ou pela Coroa, ou pelo Donatario della; mas acabando eu no §. antecedente de fallar dos direitos *dominicaes*, competentes aos *Senhorios*, fazia-me *filho de clerigo* se tornasse a repetir a mesma cousa, e logo no §. seguinte, fallando destes direitos do peixe, que tem como os outros a mesma origem, o mesmo fundamento, e a mesma natureza, porque tudo entra na classe de direitos *dominicaes*. Por tanto, e porque eu já me lembrava, de que V. m. havia querer pegar, escrevi com muita prevençaõ, que o peixe da *Pederneira* paga dizimo, sem excluir o mais.

---

injuriosamente, porque costuma indica-las, ou pelas letras iniciaes dos seus nomes, ou de modo que até os cégos as podem ver. — Este Sr., que assim observa as Leis da caridade, da Religiaõ, e da civilidade, he o mesmo que se queixa de meu Compadre o julgar por seus escriptos, respeitando sua pessoa! Naõ vai sahindo máo o tal *Astro*, que nos veio *lá de cima*. O certo he, que as revoluções, como as cheias, trazem de tudo!

Nota do Compadre de Lisboa.

Adeos, Snr. *Astro*; fique V. m. com Deos, e por ora naõ espere carta minha, porque, como eu desejo que o meu Compadre venha jantar commigo, hei de vêr, se se demora para conversarmos, e por isso naõ haverá occasiaõ de escrever a V. m.

Tenha-me V. m. sempre na sua graça, e seja meu amigo, porque eu mereço-lhe essa fineza. — A pesar de naõ ser grande avaliador de trabalhos litterarios, e de naõ poder almotaçar essas obras com a mesma exactidaõ, presteza, e laconismo, com que V. m. nos deo seu juizo sobre o *Manifesto da Naçaõ*, tambem entendo alguma cousa de letra redonda, e vejo, que V. m. tem habilidade, e capacidade para ser hum dia bom escriptor de hum Jornal, e que de certo mereceria já a estimaçaõ de seus concidadãos, se naõ fosse esse desejo immoderado de dizer mal; e de o dizer de hum modo taõ offensivo, porque nem eu, nem alguem quer, que V. m. haja de trahir o testemunho de sua consciencia, nem que diga bem daquillo que lhe parece mal. Critique, censure, diga quanto mal quizer, e lhe parecer que he necessario dizer, ou com a mira no *bem público*, ou na satisfaçaõ do seu capricho; porque em fim V. m. he homem, e todos nós o somos; porém saiba fazer isto, e ralhe sempre com *modo*, *modo*, *modo*, *modo*.

Tambem quero lembrar-lhe, que esta palavra *bem publico* tem dado occasiaõ a fazerem-se grandes males, porque he huma arma, de que se servem com o mesmo proveito os tyranos da Patria, e os libertadores della; e a V. m. naõ he novo, que as nossas Leis, muitas das quaes fizeraõ nossa desgraça, e nos chegáraõ ao lamentavel estado, em que nos vimos, tinhaõ, ou se dizia que tinhaõ *esse fim*.

Persuada as reformas, mostrando a necessidade e a utilidade dellas; mas nunca se esqueça de que a nossa regeneraçaõ até agora tem sido, graças a Deos, singular na historia, e que devemos procurar, que o seja sempre em tudo; porém mui particularmente em conseguir, que a felicidade dos que haõ de vir depois de nós naõ seja comprada á custa das desgraças, e desventuras dos que vivem actualmente; porque esse tem sido sempre o escolho, em que vaõ naufragar aquelles, que se lançaõ aos mares tempestuosos de huma revoluçaõ.

Aproveitemo-nos de taõ desgraçados exemplos, e procuremos conduzir as cousas de modo, que façamos bem-dizer os dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro, ainda por aquelles, que até agora os olháraõ como fataes á sua existencia.

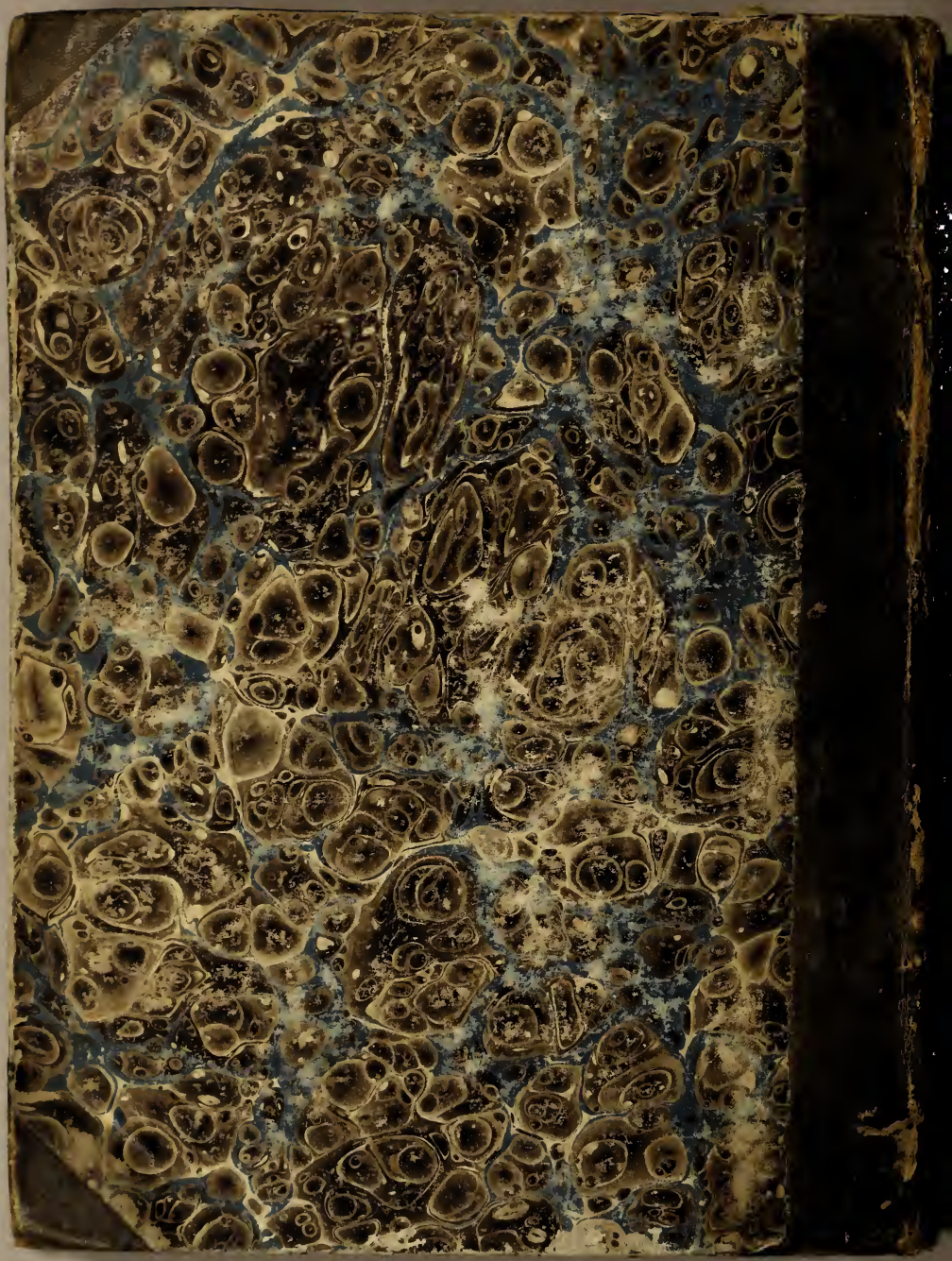
Hoje ninguem deixa de estar convencido, de que valem menos seis alqueires de milho mal pagos, e vendidos a credito pelo preço de dois tostões, do que tres alqueires a cruzado, recebidos logo que se devem, e vendidos na occasiaõ em que se precisa de dinheiro. — Todo o caso está em descobrir o modo de segurar esses tres alqueires, e procurar-lhes sempre hum bom mercado; mas para advinhar esse segredo naõ he preciso ir ás covas de Salamanca.

Como vai fazer-se hum novo Governo, aqui lhe deixo, meu Amigo, esta historia para descargo de minha consciencia; faça della o uso que lhe parecer, porque V. m. ha de querer continuar a *dar ao badalo*, e os ares talvez corraõ differentemente. — Hum Capateiro fallando da Lei dos Judeos exclamava = naõ ha Lei melhor! Poder hum homem ter mais de huma mulher! O certo he que Moyses foi o maior legislador do mundo! — Sendo porém agarrado, e levado á Inquisiçaõ gritava depois contra a Lei dos Judeos, e contra Moyses que a tinha feito, chamando-lhe nomes injuriosos. — Tornáraõ a agarra-lo, e quando sahio perguntou-lhe hum visinho; e agora que dizes tu de Moyses. = Desse Senhor, respondeo elle, *nem bem, nem mal.* Nunca mais voltou á Inquisiçaõ, e acabou seus dias em socego. —

Se V. m. adoptar os meus conselhos prometto, e juro, que naõ lhe direi mais chalaças, e que até deixarei de ser a respeito

De V. m.

Lisboa 15 de Janeiro de 1821.

O Impostor Verdadeiro.

B820
U74r